Argélia, as ruas contra o regime

A revolta espalhou-se primeiro pelos estádios. No estádio de 20 de Agosto, em Argel, no dia 15 de Fevereiro, primeira sexta-feira após o anúncio da candidatura de Abdelaziz Buteflika, os adeptos das duas equipes de futebol, depois de se insultarem uns aos outros como de costume durante um dos momentos do jogo, juntaram-se para gritar: “Não ao quinto mandato, Não ao Buteflika e ao seu irmão Said!” Centenas de milhares de argelinos repetiram os slogans por todo o país. No Leste, que, com razão ou sem razão, é considerado discriminatório em relação à região de onde provém Abdelaziz Buteflika, Oranie, manifestações impressionantes tiveram lugar em 12 de Fevereiro em Kherrata, Sétif, Bordj Bou Arreridj e Khenchela, a capital histórica da região de Aurès, de onde a luta armada começou em 1 de Novembro de 1954. O prefeito da cidade, que havia pendurado um retrato gigante do presidente na fachada da prefeitura, teve que pedir aos bombeiros que o tirassem a toda velocidade, em meio às vaias de centenas de manifestantes.

Na sexta-feira seguinte, 22 de fevereiro, o grande dia de oração e jogos de futebol, houve manifestações em mais de quarenta cidades convocadas por mensagens anônimas difundidas pelo Facebook e pelas redes sociais. Argel e o Ocidente juntaram-se aos protestos. Centenas de milhares de manifestantes exigiram pacificamente a partida da rais, do primeiro-ministro e de seu governo. Em Argel e Annaba, retratos gigantescos do presidente fantasma, 25 anos de idade para a ocasião, foram rasgados. Mesmo Tlemcen, onde a família Buteflika é supostamente originária (de facto, o presidente nasceu em Oujda, Marrocos, onde a lei argelina o proíbe de concorrer à presidência), juntou-se ao movimento que ganhou o sul, de Ouargla a In Salah, passando por Adrar e pelo distante

IIlizi.

Na terça-feira, 26 de fevereiro, dezenas de milhares de estudantes perfeitamente sincronizados demonstraram em suas 48 universidades ou em torno delas. Os jovens estavam claramente mais familiarizados com a Internet e as redes sociais do que os mais velhos. Com um início de organização, um comitê coordenador, mais uma vez exigiram o abandono do quinto mandato. Os advogados e jornalistas seguiram-no porque, durante quase sessenta anos, o executivo espezinhou sistematicamente a independência judicial e a liberdade de imprensa.

Na terceira sexta-feira, 1º de março, todas as cidades de um país onde dois terços da população vivem em cidades urbanas foram mobilizadas. Fizeram-no com relativa calma e com o bom humor dos manifestantes que, por enquanto, pelo menos em Argel, são maioritariamente jovens e pertencentes à classe média, já que os bairros mais populares estão menos presentes.

Os quatro "Fazedores de Reis"

Este início "sem precedentes, popular e espectacular", segundo um diplomata estrangeiro, sublevou a Argélia como não acontecia desde 1988, data da primeira Primavera árabe à argelina e do fim do partido único. A situação política mudou em poucas horas e a atmosfera também. Os manifestantes já não hesitam em denunciar o regime nos termos mais fortes e ofensivos que se referem aos responsáveis. As poucas personalidades que fazem campanha com o grito "Saiam! Há acusações de má qualidade de vida, desemprego, inflação, vigilância policial e corrupção que gangrenam o Estado. Frustrações, rancores e humilhações fizeram o resto. Os manifestantes exigem agora pelo menos a retirada da candidatura de Buteflika, que o regime não pode subscrever. Nos meses que antecederam as eleições, os vários clãs que dela beneficiam procuraram uma solução impossível de encontrar. Falou-se de adiar as eleições, de nomear um vice-presidente,

de reunir um conclave… Em vão, por falta de um candidato consensual, por falta também de um mínimo de confiança entre os quatro "fabricantes de rei" do país: o exército, os serviços de segurança, a família presidencial, Abdelaziz e seu irmão, e aqueles que possuem o dinheiro, que cada vez mais tem peso nas decisões governamentais através da Buteflika. O quinto mandato parecia ser o menor denominador comum de ambos. É quase impossível encontrar um candidato de substituição no calor do momento e não há acordo sobre o que fazer a seguir, como demonstra a demissão brutal de um veterano, Abdelmalek Sellal, gestor de campanha e antigo primeiro-ministro.

Menos de uma semana após o anúncio da candidatura do presidente cessante, o vice-ministro da Defesa (1), Ahmed Gaïd Salah, 80 anos e em funções desde 2004, denunciou em Ouargla aqueles que tentam "estragar o partido" antes de encurtar em 48 horas a sua viagem a Abou Dhabi. Começou de novo a 26 de Fevereiro em Tamanrasset, em frente da guarnição completa, comprometendo-se a apoiar o Presidente Buteflika até ao fim. Sem dúvida, o chefe do exército tem sido o mais prolífico em ameaças e invectivas contra os manifestantes.

Uma semana depois, em Djelfa, a ministra do Interior, Nourredine Bedoui, uma fiel serva da presidência, ameaçou aqueles que são "tentados a semear a dúvida". E para ser mais certo, em 15 de fevereiro, ele mudou o chefe da polícia e substituiu um especialista octogenário em incêndios florestais por um profissional com várias décadas de carreira. O regime joga com medo e esperança de que a opinião pública marcada pela guerra civil de quase trinta anos atrás e à qual as decepções sangrentas na Líbia e na Síria se tornaram prudentes permaneça calma, mesmo sob o risco de reprimir aqui e ali os "aventureiros" que cruzam "as linhas vermelhas".

O papel dos novos multimilionários

Uma fragilidade acrescida, o irmão do presidente, Said Buteflika, que na ausência do titular do cargo, detém as

rédeas da presidência, está gravemente doente e recebe tratamento fora do país. Diz-se que Redha Koulynef, um representante do círculo de novos "multimilionários" de Oran, que surgiu há vinte anos, apoiou entusiasticamente a nomeação do novo chefe da polícia.

O seu irmão, o presidente, foi a Genebra no dia 24 de Fevereiro para os "exames médicos". Em 3 de março, sua candidatura foi apresentada ao Conselho Constitucional. Existe um clã mais realista e político no campo presidencial? É duvidoso. O chefe de governo Ahmed Ouyahia se referiu ostensivamente à urna e, portanto, a um quinto mandato perante a Assembléia Nacional: "Os cidadãos terão a oportunidade de escolher com absoluta liberdade e soberania o candidato de sua escolha". A longa experiência dos escrutínios anteriores e a opacidade do tratamento dos resultados pelos escritórios do Ministério do Interior justificam a descrença instintiva da opinião pública na ausência de qualquer observador internacional credível.

A promessa de convocar uma conferência nacional de "consenso" após 18 de Abril parece não convencer mais. A oposição é tentada por um debate em que se pode falar o quanto se quiser, mas não negociar. A tomada de decisões é reservada ao poder que passa o tempo sem decidir nada desde o início da crise do petróleo em junho de 2014.

Partidos impotentes

Atualmente, a oposição não parece ser realmente uma alternativa. Embora a Irmandade Muçulmana estivesse disposta a apresentar candidatos apesar de estar dividida, a Frente das Forças Socialistas (FFS) e o Rallye for Culture and Democracy (RCD), que partilha a oposição de Kabilia, apoiam o boicote às eleições. Os outros partidos têm pouco peso na opinião pública. O líder de um deles, Ali Benflis, ex-primeiro ministro de Buteflika e candidato duas vezes derrotado contra ele, é pessimista: "A situação é opaca, instável e perigosa",

declarou ele, embora tenha participado da manifestação de 1º de março em Argel.

Que opções tem o regime? É impossível repetir o "golpe" de fevereiro de 2011, quando no início da Primavera Árabe Buteflika inverteu a situação com um discurso demagógico na televisão e um aumento muito acentuado dos salários e benefícios sociais. Hoje o Presidente é afásico e os cofres públicos estão vazios, como se vê todos os dias 40 milhões de argelinos, sejam assalariados, reformados, estudantes ou donas de casa. Será que se pode navegar sem instrumentos, deixar os manifestantes desfilarem proibindo-os de cercar o governo e a presidência em antecipação a uma eleição que não se pode perder no próximo dia 18 de Abril, mesmo correndo o risco de mover alguns peões na cena política? Uma quimera que o povo não aceitará facilmente. Por último, subsiste a repressão por parte da gendarmerie e, se necessário, do exército. Este é o cenário mais perigoso: não esqueçamos que a anulação das eleições legislativas de Janeiro de 1992 foi o prelúdio da guerra civil.

Original: Orient XXI